

Reportagem Especial

TESTEMUNHAS DA VIOLÊNCIA

Crianças denunciam crimes

Elas contam para professores e colegas de escola sobre tráfico, abuso sexual dentro de casa e assassinatos que presenciaram

Simony Giuberti

Histórias de contos de fadas dão lugar a relatos de violência. Brincadeiras e piadas na hora do recreio são substituídas pela narração de crimes que sofrem ou presenciaram. Essa é a realidade de muitas crianças que estudam e moram em bairros com alto índice de criminalidade da Grande Vitória. Elas acabam, mesmo que de forma inconsciente, se tornando reflexo do contexto no qual estão inseridas.

Para professores e coleguinhas de turma, elas denunciam de tudo: tráfico de drogas, violência sexual dentro de casa e assassinatos a que assistiram, muitas vezes, de um membro da família.

Uma professora de 46 anos que trabalha em Cariacica contou que um aluno de 6 anos revelou o assassinato do pai dentro da sala de aula. “Ele chegou para mim e falou que o pai tinha morrido. Eu perguntei se o pai dele estava doente e ele disse que não, que o pai tinha



NARA PARANÁ / AT

PROFESSORA que atua na Grande Vitória segura lápis de cor usados para expressar na sala de aula a dor da violência sofrida por meninos e meninas em seu ambiente familiar. Ela acredita que as crianças reproduzem nas escolas o que vivenciam em suas casas

sido assassinado e que ele tinha visto tudo”, relatou.

Ela explicou que foi conversar com a mãe do menino para saber se a história era verdadeira e se surpreendeu: “Ele tinha me contado que a família estava em um local e que um homem tinha chegado e matado o pai dele. Fui conversar com a mãe e ela confirmou. Fi-

quei chocada”, detalhou.

Abusos sexuais também são relatados para professores em ambiente escolar. “Uma vez, acabei ouvindo uma aluna de 8 anos contando para as coleguinhas que o pai e o irmão tocavam as partes íntimas dela quando ela estava no banho. A mãe da menina foi chamada na escola, negou, e ainda fa-

lou que ia dar uma surra na criança. Depois, a menina acabou saindo da escola”, declarou uma professora de Vila Velha, de 59 anos.

Já uma pedagoga de um colégio em Cariacica, que preferiu não revelar a idade, contou que um aluno presenciou o pai estuprando a mãe. “Ele chegou para mim e contou que tinha visto o pai forçando a

mãe a fazer sexo”, disse.

A mesma professora de Vila Velha afirmou que já foi pega de surpresa com uma pergunta de um menino, de 9 anos. “Ele veio até mim e perguntou ‘tá, você quer comprar bagulho?’. E falava que ia apanhar se não vendesse. Nunca vi a droga em si, mas ele parecia ser obrigado a vender”, explicou.

Denúncias nas escolas

Enquete revela visão de alunos sobre a violência

O estudante Walmir Andrade Junior, 19 anos, fez uma enquete durante uma palestra em uma escola pública na Serra, questionando sobre a relação de crianças da 4ª série com as drogas. Quarenta alunos responderam às perguntas elaboradas.

“ Ver o resultado foi como levar um tapa na cara. Fiquei triste e desapontado ao saber que pais usam drogas na frente das crianças e, em alguns casos, até oferecem”

WALMIR ANDRADE JUNIOR

A enquete
Foi realizada com alunos da 4ª série de uma escola na Serra

- 1 VOCÊ JÁ PRESENCIOU** alguém usando drogas?
40 Sim X 0 Não
- 2 VOCÊ** já viu alguém usando drogas em casa?
26 Sim X 14 Não
- 3 JÁ** viu alguém usando drogas na escola?
40 Sim X 0 Não
- 4 ALGUÉM** já te ofereceu drogas?
28 Sim X 12 Não
- 5 VOCÊ** já teve contato direto com alguma droga?
19 Sim X 21 Não
- 6 SABE** identificar pelo “cheiro” alguma droga?
40 Sim X 0 Não
- 7 VOCÊ** já teve amigos mortos pelo tráfico?
29 Sim X 11 Não
- 8 ALGUÉM** da sua família já foi morto pelo tráfico?
16 Sim X 24 Não
- 9 VOCÊ** já usou algum tipo de droga?
9 Sim X 31 Não
- 10 VOCÊ** possui sonho de profissão?
20 Não | 16 Sim | 04 Não sei

O QUE AS CRIANÇAS REVELAM

SONHO PARA O FUTURO

Quando solicitado que as crianças revelassem seus sonhos, um aluno de 10 anos escreveu:

EU QUERO QUE MINHA MÃE E O MEU PAI FICA JUNTOS DENOVO E O MEU IRMÃO PARA ME TRAFICAR

MEUSONHO QUE MEU IRMÃO SAIA DA CADEIA E MEUS PAIS VOU TE PRA MIM E NUNCA USAR DROGA

“ Eu quero que minha mãe me escute mais, que meu irmão pare de fumar maconha e que meu outro irmão saia da prisão”

ALUNO, DE 11 ANOS, DA SERRA

PROFESSORA

“Já vi aluna mostrando como enrolava droga”

Decepção e revolta. Esse é o sentimento de uma professora de 30 anos, que trabalha em Vitória e Cariacica, ao encontrar na sala de aula crianças inclinadas para o mundo da criminalidade.

Ela conversou com a reportagem de **A Tribuna** e contou que trabalha com educação há mais de sete anos e que já presenciou uma menina de 3 anos mostrando para coleguinhas de sala como se fazia para enrolar e fumar droga.

A TRIBUNA – O que sente ao se deparar, em sala de aula, com um cenário onde crianças, muitas vezes, já se apresentam inclinadas para a violência?

PROFESSORA – É um sentimento de frustração e revolta. Dá uma sensação de impotência. Mas, ao mesmo tempo, me sinto com uma grande responsabilidade quando sinto os olhares de esperança que eles demonstram ao chegarem na sala de aula.

> Essas crianças possuem tendências violentas?

Na maioria das vezes, sim. Hoje trabalho com crianças entre 2 e 5 anos de idade, mas sempre que contrariadas, essas crianças falam ‘vou te matar’ ou garantem que vão mandar o irmão matar. Essa sema-

na mesmo, fui colocar uma aluna de 2 anos para dormir e ela disse que ia me matar. Como que uma criança de 2 anos vai saber o que é ‘matar’? Elas repetem o que ouvem em casa. Uma vez chamei a atenção de um aluno, ele entrou atrás da cortina, fez gesto com a mão de uma arma e apontou para mim, como se quisesse atirar.

> Já passou por alguma situação em que crianças denunciaram crimes que presenciaram?

Sim, e na maioria das vezes, a criança acha que aquilo é normal, não sabe ainda distinguir o que é certo e o que é errado. São situações que me deixam triste, pois sei que algumas crianças não sabem nem o que estão falando.

> Alguma situação te marcou?

Uma vez, vi uma aluna de 3 anos, que estava com as coleguinhas, mostrando como se enrolava droga e fumava. Ela acabou contando para mim que a mãe fazia assim no bar dela e vendia. E a avó também.

> E o que procura fazer?

Ensinar o que é certo. Planejo minhas aulas com cuidado, mostro vídeos educativos. Faço o que posso, tento ser uma mediadora. Mas por serem muito pequenos, não sei o que será deles amanhã.

Reportagem Especial

TESTEMUNHAS DA VIOLÊNCIA

Meninos querem comandar o tráfico

Se muitas crianças sonham em ser jogadores de futebol, médicos ou bombeiros, nos dias de hoje, meninos, ainda muito pequenos, possuem desejos voltados para a criminalidade. Essa é uma realidade que assusta e preocupa os professores.

“Temos uma profissão ingrata nesse sentido. De tão pequenas, muitas vezes, elas nem sabem o que estão falando”, desabafou uma professora de 30 anos, que leciona em Vitória.

Ela contou que em uma aula, devido à proximidade do Dia do Trabalho, conversava com os alunos sobre profissões e explicava para eles a importância de cada profissional para a sociedade, quando se surpreendeu com o sonho de um menino. “De repente, ele falou para a sala inteira que queria ser o chefe do tráfico”, disse a professora.

Curiosa, ela perguntou para o menino o motivo daquele sonho. “Ele falou que assim teria dinheiro para ir ao shopping, passear e lanchar. Fiquei com o coração partido e conversei com ele, tentei explicar que aquilo era errado”.

Já o palestrante Walmir Andrade Junior, que fez a pesquisa sobre drogas em uma escola na Serra, contou que quando conversou so-

bre o futuro com as crianças, três meninos, com média de 10 anos, falaram na sala de aula que queriam ser chefes do tráfico.

“Sei que eles têm histórico na família. Um deles, a mãe e o tio são usuários, os irmãos são traficantes e o pai foi assassinado por tráfico. Quando perguntei por que ele queria ser traficante ele disse: ‘as cocotas só anda atrás da gente, a gente tem cordão de ouro e a gente só anda na marca’. Fiquei paralisado”, destacou Walmir.

Por uma situação parecida passou uma professora de Vitória, de 41 anos. “Dava aula para um menino de 10 anos que agia dentro da escola como se fosse o chefe da máfia. Colocava terror nos colegas, fazia gestos de arma com as mãos e só brincava assim, achava normal. E vivia falando que o pai dele ganhava muito dinheiro”, disse.

A professora contou que chamou o pai do menino na escola para conversar sobre o comportamento do filho. E se chocou ao descobrir que o homem era chefe do tráfico do bairro.

“Só depois fui saber que o pai da criança era o chefe do tráfico. Na mesma semana, prenderam ele. E o menino foi morar com a mãe em outro lugar”, relatou a educadora.

ADRIANO HORTA - 26/08/2012



DROGAS e dinheiro: crianças relatam desejo de entrar no mundo do tráfico

“Famílias estão ausentes”

Professores de todos os municípios da Grande Vitória foram entrevistados pela reportagem de **A Tribuna** e afirmaram que é necessário mais presença e apoio da família na educação das crianças, que acabam sendo vítimas em um lar propício à violência.

“Muitas vezes, percebemos que aquela criança, que já apresenta um comportamento voltado para o mundo do crime, é vítima de um lar sem estrutura, de pais que não se preocupam com o futuro dos filhos. As famílias estão ausentes, e elas são a base de tudo”, alertou uma professora de 38 anos, que trabalha na Serra.

A sensação é a mesma que teve uma professora de 30 anos que leciona em Vitória e Cariacica: “As crianças esperam de nós a base que deveriam receber em casa”.

Já uma educadora de 41 anos que trabalha em Vitória relatou que os alunos acabam sendo o re-

“Perguntei para um aluno o que ele queria ser quando crescer e ele falou ‘bandido’”

Professora, 59 anos, de Vila Velha

flexo dos pais. “Elas fazem e falam aquilo que veem e ouvem em casa. Não depende só de nós, professores. A família precisa trabalhar em conjunto com a escola”, frisou.

Uma professora de Vila Velha, de 59 anos, salientou que os exemplos que crianças recebem em casa se refletem de forma positiva ou negativa dentro da sala de aula.

“Uma vez eu perguntei para um aluno pequeno o que ele queria ser quando crescer e ele falou ‘bandido’, e achava natural. Certamente, era um exemplo que ele trazia de dentro de casa”, destacou.



DELEGADO Erico Mangaravite diz que professores devem denunciar relatos das crianças que podem estar em risco

“Mesmo se a criança viu alguma coisa, mas não sofreu nada, ela também é vítima”

Crimes sexuais são a maioria

Das denúncias de crimes vindas de escolas que chegam até a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), as de estupro são a maioria.

“Recebemos, principalmente, casos de abuso sexual. Mas antes de chegar à delegacia, essa denúncia precisa ser feita, pela escola, ao conselho tutelar”, disse o delegado adjunto da DPCA, Erico Mangaravite.

Segundo o delegado, se o relato é feito por uma criança que é aluna da escola, existe a obrigação do fa-

to ser comunicado ao conselho tutelar, que vai fazer uma análise prévia do ocorrido e comunicar à polícia, caso seja necessário.

“A obrigação da direção escolar comunicar ao conselho existe. Mesmo se a criança viu alguma coisa, mas não sofreu nada, ela também é vítima, pois ela pode, eventualmente, estar em uma situação de risco”, explicou Mangaravite.

De acordo com o delegado, caso o estabelecimento de ensino deixe de comunicar ao conselho, uma penalidade pode ser aplicada.

“Não é um crime, é uma infração administrativa e prevê a aplicação de multa, que pode chegar a até 20 salários mínimos”, ressaltou.

Após o conselho analisar os relatos, o caso é encaminhado para a delegacia, onde começa a investigação. “A criança fica em uma sala especial, com brinquedos, para que ela fique à vontade e se sinta segura para prestar depoimento”.

A criança também recebe acompanhamentos psicossociais. Se necessário, é levada ao Hospital das Clínicas, onde recebe medicações.

Violência nos desenhos

Os lápis de cor e giz de cera que são usados para desenhar casas, animais e arco-íris, hoje em dia também são usados, por algumas crianças, para denunciar crimes que acontecem dentro de casa, com parentes e até vizinhos.

“Em um desenho livre, um menino de 6 anos desenhou uma cerca, uma mulher pulando e um homem correndo atrás dela com uma faca na mão”, relatou uma professora de Vila Velha.

Ao ser questionado pela professora sobre o que significava o dese-

ANTONIO MOREIRA - 10/12/2012



CRIANÇAS reproduzem violência

enho, o menino respondeu, sem hesitar, que era o pai correndo atrás da mãe para matá-la. “Conversei em particular com a mãe do aluno e expliquei que ele estava levando os problemas para a sala de aula”.

Por uma situação parecida passou uma professora, de 42 anos, da Serra. Ela contou que o mesmo aluno, de 8 anos, desenhou por duas vezes a família da mesma forma. “Nos dois desenhos o irmão segurava uma arma”, falou.

Já uma professora de 46 anos, de Cariacica, explicou que um aluno, de 7 anos, colocou seus medos em um papel, quando realizava uma dinâmica com a turma.

“Pedi que as crianças escrevessem sobre o que tinham medo. E ele escreveu que tinha medo de ser ‘matado’. Eu conversei com ele, falei para ele rasgar o papel que o medo iria embora. Mas ele me disse que tinha medo até de picar o papel. Depois, a mãe dele me contou que ele viu o vizinho ser assassinado”, contou a professora.

Com brinquedos, o cenário é o mesmo: “Alunos de 4 e 5 anos pegam legos, montam armas e fazem ‘pow, pow, pow’. É a realidade que vivem. Eles reproduzem o que veem na rua ou dentro da própria casa, e nem sempre são coisas positivas”, disse uma diretora de uma escola da Serra, de 50 anos.

ANÁLISE

Zenaide Monteiro,
psicóloga,
psicoterapeuta e mestre
em educação



“A criança aprende com exemplo”

“A criança aprende com o exemplo. Ela não aprende com o que os outros falam, ela aprende vendo comportamentos. Como todos nós, a criança também quer chegar ao topo de alguma coisa, ser admirada. Por exemplo, o Neymar, que é imitado por muitas crianças. Se o menino não joga bola como o Neymar, ele vai fazer o cabelo igual.

Assim acontece se uma criança vive uma realidade que envolve o tráfico. O mandachuva daquela sociedade é o traficante. E, para essas crianças, isso é o poder, é status, significa sucesso e dinheiro. É o modelo que têm.

E o professor é uma pessoa que a criança admira. Ela pensa: ‘para ela eu posso falar’. E, muitas vezes, fala como um pedido de socorro, como nos casos de violência sexual. Geralmente, essas crianças apresentam baixo rendimento escolar. Elas não possuem estrutura familiar nenhuma e o professor aparece como salvador para elas”.